

# A maçonaria é uma Religião?<sup>i</sup>

Aldo Alessandro Mola  
Universidade de Milão, Milão, Itália  
[aldoamola@gmail.com](mailto:aldoamola@gmail.com)

ORCID: 0000-0002-3480-140X

Recepción: 15 de julio de 2022/Aceptación: 22 de agosto de 2022

Original em: doi: <https://doi.org/10.15517/rehmlac.v15i1.53390>

Tradução

Cídio Lopes de Almeida  
Doutorando Faculdade Unida de Vitória  
[cidioalmeida@gmail.com](mailto:cidioalmeida@gmail.com)  
Bolsista FAPES

MOLA, Aldo Alessando. A Maçonaria é uma Religião? Trad. Cídio Lopes de Almeida. São Paulo: AMF3 Escola de Filosofia. 2023. Disponível em: <https://amf3.com.br/a-maconaria-e-uma-religiao>. Acesso em: (data de acesso).

## Resumo

Ao responder à pergunta se a maçonaria é ou não uma religião, é necessário esclarecer as origens, natureza e propósito tanto da maçonaria quanto da Igreja Católica. No entanto, é importante ressaltar que é uma tarefa difícil alcançar uma compreensão completa desses aspectos dentro do escopo desta discussão. No entanto, para fornecer algumas diretrizes para a discussão, podemos oferecer algumas orientações na tentativa de responder a essas perguntas.

Palavras-chave: Maçonaria; religião; laicismo; metodologia; teoria.

1. Responder à pergunta se a maçonaria é ou não uma religião significa nada mais, nada menos do que esclarecer a origem, natureza e propósito da maçonaria e das religiões. É, evidentemente, uma tarefa impossível de alcançar aqui. Não podemos deixar de abordar o tema em questão, portanto, apenas ofereceremos e tentaremos responder a essas perguntas com algumas diretrizes para a discussão.

Antes de tudo, precisamos esclarecer que a pergunta que constitui o título deste trabalho e de todo o curso pode ser respondida de pelo menos três maneiras diferentes.

Primeiro, pode haver uma resposta meramente doutrinal, ou seja, com base nos documentos nos quais a maçonaria se define. Apesar de parecer simples e rápido, essa solução na verdade leva a um caminho muito difícil, cheio de obstáculos. Pode-se concordar que a maçonaria é exatamente como definida pela Grande Loja Unida da Inglaterra.

Seria preciso nos basearmos em uma série de documentos oficiais ou fontes institucionais que sucederam as Constituições de Anderson de 1723 até a Declaração de 1985. Apesar de se colocar no curso institucional, essa resposta pode não fornecer dados únicos: as declarações de princípios sobre Deus, religião e deveres ancestrais mudaram ao longo dos séculos à medida que os avatares internos da maçonaria se desenvolviam, especialmente nas divergências entre a Grande Loja de Londres e a Grande Loja Unida da Inglaterra (UGLE), que passaram por divisões entre os "antigos" e os "modernos".

Em segundo lugar, uma vez que a UGLE não é, nem foi a única associação que pode ser intitulada como "maçonaria", não podemos deixar de estudar como outras fraternidades, ordens e instituições definiram suas relações com Deus e religião. É claro que a resposta para a questão principal aqui deve ser buscada através da história e não apenas na doutrina. Em particular, trata-se de descobrir quem, entre os maçons, como e quando a maçonaria contribuiu para o caráter da religião. Além disso, do ponto de vista histórico, precisamos nos perguntar quem, entre os não maçons, acusou ou elogiou a maçonaria por esse caráter e com que tipo de legitimidade. Em terceiro lugar, à luz da reflexão científica dos últimos dois séculos sobre a natureza e função das religiões, é difícil não nos perguntarmos se, independentemente do que os maçons possam ter afirmado, a maçonaria adquiriu de fato os caracteres da religião e desenvolveu funções correspondentes. Se esse for o caso, podemos considerá-la uma imitação de religiões positivas ou reveladas, como o judaísmo, o cristianismo ou o islamismo, e abordá-la de forma mais plausível como novos movimentos religiosos, que nos últimos anos têm assumido uma posição mais importante no âmbito da religiosidade.

Nessa perspectiva, é necessário prestar especial atenção à função da maçonaria em relação à religião civil (ou laica, ou política), em conexão com o processo de secularização e modernização dos últimos séculos e, acima de tudo, do presente século. É por isso que, além da teologia, história e *maçonologia*, precisamos recorrer à sociologia, antropologia e funcionalismo.

Por fim, um campo de investigação para compreender se a maçonaria é ou não uma religião (não mais uma religião, mas uma religião em si mesma) são os ritos e, em geral, a proliferação do sectarismo cultural intrínseco às diferentes comunidades maçônicas (lojas), incluindo a UGLE.

Outro problema metodológico e importante não é apenas garantir que a maçonaria seja uma religião, conforme entendida pela documentação formal, mas também se ela desenvolveu um papel de religião, não apenas no sentido "clássico" de religião, mas no sentido de "novos movimentos religiosos".

Também é importante ressaltar que a questão de interesse aqui não se limita apenas à historiografia em geral, ou à maçonologia em particular. Na verdade, o julgamento sobre a legitimidade da atitude em relação à maçonaria por parte das igrejas, regimes políticos de diferentes ideais e organizações de poder depende da resposta que pode ser dada. Em outras palavras, além do interesse da maçonaria, essa problemática afeta a sociedade como um todo e se traduz em uma verificação do grau de consciência civil em um determinado momento.

Por fim, deve-se mencionar uma precisão terminológica: a palavra "religião" não é usada aqui no sentido moderno de religiosidade, espiritualidade, piedade, mas com uma forte conotação de fé. Aquela que se refere à Revelação, à Promessa, à Profecia, à descoberta de um Deus metafísico e transcendente, que pressupõe um sistema de princípios fundamentais e regulamentos derivados disso, a partir de um sentido de iniciação e pertencimento, além de um mecanismo de sanção de fidelidade por parte do "iniciado" em relação à "Verdade".

Isso não significa subestimar as religiões não reveladas de forma alguma, mas simplesmente afirmar que ideologias surgidas de mitos e políticas com efeitos totalitários têm adquirido os caracteres de uma religião ao longo dos últimos séculos, ou seja, regras de vida, salvação e condenação, portanto, religião.

2. Se nos voltarmos para as cartas fundamentais da UGLE e, em particular, para a Declaração Fundamental de 21 de junho de 1985, para responder à pergunta feita, podemos concluir que "a Maçonaria não é uma religião nem um substituto da religião". Essa famosa declaração surgiu "em relação a comentários recentes sobre a maçonaria e a religião, e em relação a estudos realizados por algumas igrejas sobre a possibilidade de conciliar a maçonaria e o cristianismo". Ao se conectar explicitamente com a Declaração de setembro de 1962, que foi posteriormente confirmada em dezembro de 1981, tal documento pretendia expressar que a própria UGLE sempre negou de forma coerente a identificação entre a maçonaria e a religião. Apesar disso, como se lê na declaração citada, a maçonaria "exige a crença em um Ser Supremo em sua fé, do qual, no entanto, não há doutrina de fé".

A UGLE nega que a maçonaria seja uma religião, mas ao mesmo tempo exige "a crença em um Ser Supremo", acrescentando que "os muitos nomes usados para indicar o Ser Supremo permitem que pessoas de diferentes religiões se reúnam em oração (destinada a Deus próprio e conforme conceituado por cada indivíduo), sem que o conteúdo dessas orações seja motivo de discordância". Mesmo sem ser uma religião em si, a maçonaria impõe aos seus membros o culto a uma religião no âmbito da iniciação. Mas para quê?

Para evitar que o "Ser Supremo" seja elevado ao centro de uma religião maçônica, a Declaração mencionada ainda esclarece complementarmente que "não há um Deus maçônico. O Deus dos maçons é o Deus da religião manifestado por si próprio. Os maçons têm um respeito mútuo pelo Ser Supremo, pois Ele continua sendo supremo nas respectivas religiões".

Retornando às Antigas Obrigações (*Old Charges*), a Declaração reitera que "durante os trabalhos da loja, falar sobre religião está fora de questão" e que "não há missão dos maçons de tentar reunir diferentes credos religiosos". A consequência de "não ter um único Deus maçônico" é que a maçonaria não pretende ser um "sincretismo" entre diferentes fé, nem uma super-religião, uma Verdade absoluta e superior em relação às "verdades" (ou "crenças") das religiões particulares, o que vai contra o que defendem pessoas esotéricas e ritualistas, que combinam aspectos de diferentes religiões monoteístas e pagãs.

No entanto, é verdade que a Ordem "está longe de se afastar da religião" e, na verdade, a "favorece" conforme entendido na mencionada Declaração de 1985. A maçonaria não encontra os seguintes elementos constitucionais da religião: a) uma doutrina teológica; b) a oferta de sacramentos; c) a promessa de salvação através de obras, conhecimento secreto e meios diferentes". No entanto, ainda é evidente que a UGLE se distingue exclusivamente das religiões positivas, do monoteísmo revelado: se algo, ela não impõe uma fé específica, mas exige que os maçons acreditem em um Ser Supremo e priorizem seus deveres para com Deus.

O teor da Declaração de 1985 é coerente em todos os aspectos com a tradição maçônica inglesa, que se baseia nas Regras Gerais de Payne de 1720 e nas Constituições de Anderson de 1723. Como é conhecido, o Primeiro Título destas trata dos Deveres de um Maçom (sobre Deus e religião), prevendo que um maçom, em sua condição como tal, tem a obrigação de obedecer à lei moral e, se entender corretamente a Arte, nunca será um ateu estúpido ou um devasso irreligioso. Embora no passado os maçons fossem obrigados a seguir a religião do país ou nação em que estavam, independentemente de qual fosse, hoje é mais apropriado forçá-los apenas às religiões em que todas as pessoas concordam e permitir que eles tenham suas opiniões particulares, ou seja, serem homens bons, sinceros, de honra e honestidade, independentemente da denominação ou convicções que possam separá-los, e assim a maçonaria se torna um Centro de União e o meio de estabelecer uma amizade sincera entre pessoas que, de outra forma, permaneceriam perpetuamente separadas". Se esse for o caso, não se trata de uma religião que impõe princípios teológicos, mas de um clube que prescreve regulamentos sociais.

Em oposição, as próprias Constituições, em sua segunda edição de 1738, estabelecem que o "maçom, em sua condição, tem o dever de observar a lei moral e, se compreender

corretamente a Corporação, nunca será um ateu estúpido ou um devasso irreligioso, nem agirá contra sua vontade".

Devido a essa diferença de texto, tem sido repetidamente dito que entre 1720-1723 e 1738, passou-se do teísmo das antigas corporações e guildas para o deísmo, que eliminou a fé explícita no Deus-Pessoa enunciado na Bíblia e ensinado pela Igreja. De acordo com essa interpretação, a inspiração deísta também vem da seção 2 do título Deveres de um Maçom. "Quando a loja é constituída - como está escrito - nenhum fundador, questões pessoais ou outras questões relacionadas à Religião, Nações ou Política do Estado podem ser introduzidas, sendo nós, como maçons, parte dessa Religião Universal; também somos parte de todas as Nações, Línguas, Origens e Linguagens, somos avessos a toda política, assim como tudo que não pode, nem nunca levará a Loja ao bem-estar".

Com base apenas nesses textos, poderíamos chegar à conclusão de que a maçonaria nunca foi uma religião, nem pretendia ser considerada como tal. Na verdade, ela sempre impediu e continuará a impedir que seus membros se envolvam em assuntos religiosos na loja, e o único requisito para sua admissão seria não ser ateu e acreditar no Ser Supremo.

Na verdade, desde as primeiras linhas do longo preâmbulo sobre "história, leis, deveres, ordens, regulamentos e usos da muito venerável irmandade dos maçons livres e aceitos", surge uma definição do Ser Supremo, o Grande Arquiteto do Universo, que é destinado a ser colocado como uma alternativa ao Deus da Bíblia.

Embora não haja registros escritos das reuniões da Grande Loja da Inglaterra entre 1717 e 1783, não há referências à Bíblia, a Deus ou ao Grande Arquiteto, que é definido como "nosso Mestre Supremo" desde a primeira edição de Ahiman Rezon, de 1756, ou seja, as Constituições da Grande Loja, também conhecidas como as dos Antigos, e preparadas por Dermott. Efetivamente, seu texto não deixa dúvidas quanto à inspiração não geralmente teísta ou deísta, mas explicitamente católica das novas Constituições, ao afirmar que "como maçons, somos a mais antiga religião católica ensinada até hoje". Esse precedente explica o conteúdo do acordo estipulado em 27 de dezembro de 1813 entre os Antigos e os Modernos, onde, de acordo com nosso interesse, é declarado que: "[...] um maçom é obrigado a nunca agir contra os mandamentos de sua consciência. Não importa sua religião ou forma de adoração, eles não serão excluídos da Ordem porque acreditam no Glorioso Arquiteto do Céu e da Terra (*Grande Arquiteto do Universo?*), e cumprem todos os sagrados deveres da moralidade". O Grande Arquiteto é Deus, sem dúvida, é Deus o criador do Céu e da Terra.

Ao longo dos dois séculos seguintes, a UGLE aceitou ou recusou estreitar os laços fraternais com outras comunidades maçônicas, aplicando coerentemente esses princípios. É

nesse ponto que entram em vigor declarações posteriores sobre o reconhecimento de outras Grandes Lojas. Por exemplo, a Declaração de 1929 estabelece em sua primeira seção que: "A crença no Grande Arquiteto do Universo [GADU] e em sua vontade revelada será condição essencial para a admissão de seus membros". A atribuição da Revelação configura o Grande Arquiteto como o Deus "Criador", e não apenas como um "Regulador" simples. Ao romper os laços com a Grande Loja do Uruguai em 18 de outubro de 1950, a UGLE endureceu sua postura teísta, afirmando que: "Toda pessoa que solicitar ingressar na maçonaria deve professar a fé no Ser Supremo, Deus invisível e Todo-Poderoso. Não há exceções a essa questão. A maçonaria não é um movimento filosófico aberto a todas as orientações e opiniões. A verdadeira maçonaria é um culto para preservar e difundir a crença na existência de Deus, que deve ser a de uma religião monoteísta". A UGLE também conclui que "a maçonaria é um culto baseado em fundamentos religiosos". Por isso, toda tentativa de apresentar o GADU como um mero símbolo, uma "metáfora genérica" aludindo a um "Ser Supremo" indefinido, foi rejeitada. Isso não significa "religião", no entanto, a UGLE atribuiu a si mesma a função de clero e sacerdócio para proteger e difundir uma religião pré-existente. Onde está o seu pretendido laicismo?

Devido ao medo de serem reconhecidas como deístas, a Grande Loja da Inglaterra - assim como as da Escócia e da Irlanda - impuseram a fé monoteísta aos seus filiados e aos iniciados vinculados a ela. É um princípio constitucional e irrevogável da maçonaria, do qual surge "o dever de preservar e difundir a crença na existência de Deus", de modo que a relação entre o maçom e Deus foi invertida em relação à sua configuração original. Enquanto isso, no início do século XVIII, os iniciados eram proibidos de falar sobre assuntos religiosos, uma vez que eles eram prejudiciais à loja. Agora, os maçons não precisam se preocupar com isso, uma vez que todos devem ser monoteístas e missionários da verdadeira religião. Analogamente, assim como naquela época era expressamente negado que a maçonaria fosse uma religião, agora a religião - precisamente o monoteísmo, ou seja, a religião revelada e não qualquer forma ou concepção de religião - se torna o objetivo central da própria iniciação, e a propagação da religião se eleva como razão de ser da maçonaria.

No entanto, a identidade entre maçonaria e religião nunca foi mantida. A Arte Real se configura mais como uma organização cujo objetivo é divulgar os credos monoteístas, especialmente a fé cristã. Mesmo assim, ainda não está claro se esse é um objetivo exclusivo, principal ou colateral.

Em conclusão, podemos afirmar que a maçonaria é religiosa sem se tornar uma religião em si. O propósito da Grande Loja da Inglaterra (UGLE) não é reconciliar a fé de dois indivíduos em uma única religião superior ou diferente. Ainda há uma separação entre o Grande

Arquiteto, a religiosidade da Ordem e a auto-identificação da maçonaria como uma religião. Isso seria um passo ulterior que ainda precisa ser dado e que, supostamente, não está dentro da perspectiva da UGLE, que entende que a compatibilidade com diversas religiões fundamenta seus adeptos na religiosidade necessária. Em outras palavras, a loja não deve fornecer iniciação religiosa nem ensinamentos aos filiados, uma vez que eles já praticam a crença em Deus em outro lugar.

3.1 A pesquisa sobre a relação entre maçonaria e religião seria bastante incompleta se se limitasse aos documentos oficiais da UGLE. Isso levaria a discriminação injustificada de maçonarias legítimas que não são reconhecidas pela UGLE e indicaria uma sensibilidade histórica deficiente. Na verdade, a maçonaria, como toda instituição humana, tem passado por transformações ao longo do tempo, adaptando-se a princípios e costumes de cada período. Portanto, é necessário que o historiador investigue os maçons focando nas ideias manifestadas por eles.

Portanto, se os requisitos da religião do século XVIII se identificavam na Revelação, no Vigário, nos textos sagrados, no corpo doutrinário, na promessa de salvação, nos cultos, ritos e catecismo, podemos concluir que as numerosas organizações maçônicas da França, Alemanha e Itália, sem dúvida, possuíam características religiosas. Algumas delas podem ser reconhecidas pela Igreja Católica, enquanto outras criam sua própria identidade, diferente das demais, mesmo sem abrir mão de adotar fragmentos da tradição bíblica. Existem também as "anti-igrejas" que também apresentam características maçônicas, apesar da rejeição das organizações maçônicas com o mesmo nome. Na verdade, ninguém pode pretender impedir a denominação de origem de uma associação que não se baseia na Revelação da palavra divina, mas sim em compilações de regulamentos criados por seus próprios adeptos.

Algumas dessas "*maçonarias anti-igreja*" não se limitam a se propor como "centros de união" e têm a intenção de ser depositárias da Verdade. Elas são religiões, ou pelo menos aspiram a ser. Sem entrar em detalhes, há a questão: o que representam Martínez de Pasqually, Claude de Saint-Martin, Willermoz e Swedenborg, além do esforço de organizar a cerimônia ritualística até que ela seja cercada por fortes sugestões que desviam a possibilidade de "salvação"? Estamos diante de uma tentativa de elevar a maçonaria a uma nova religião com a inevitável ligação com a tradição judaico-cristã. Através da arqueologia e da tradição cavalheiresca, Michael Ramsey e os novos Templários tentam trazer um novo apelo ao árido e artificial catecismo dos primeiros ensaios de teologia sem Deus. No contexto da busca de práticas pseudo-religiosas sem Deus, a figura de Cagliostro é emblemática como um dos



principais responsáveis pela redução da fé à credulidade, do mistério a um simples arcano, do sagrado a um mero cerimonial, e, por fim, da busca de Deus à curiosidade ou a um jogo intelectual. Além do materialismo, da nostalgia da alquimia e do racionalismo permeado por um misticismo sem ídolos, o mundo maçônico do século XVIII viu uma figura destacada em Joseph de Maistre, que tentou organizar o caos da maçonaria cavaleiresca do duque Brunswick. Durante esses tempos, as lojas maçônicas eram terreno fértil para as mais improvisadas invenções, mas também para voltar-se para a "religião dos antepassados".

Em uma palavra, a maçonaria naquela época - ilustrada, mística, sagrada, purificadora - não era uma verdadeira religião, embora fosse um "culto fraco" para mulheres. Uma religiosidade mais atomizada foi, de fato, condensada a partir de outra parte.

3.2. Aquele que insinuou que a maçonaria era uma religião alternativa nunca foi iniciado nem foi glorificado por visitar os templos. Tal "maçom auxiliar", Jean Jacques Rousseau, imprudentemente celebrado como irmão ao lado de Voltaire, não foi, é claro, um exemplo de tolerância humana. Ao formular a ideia de "vontade geral", o filósofo de Genebra foi a inspiração para as fases terminais e mais intensas da Revolução Francesa. Muitos maçons não foram persuadidos durante essa ocasião e depois sob Napoleão ou mesmo mais tarde, durante a Restauração. Além disso, alguns deles participaram ativamente dessa organização. Estavam dubiamente arrependidos, meio convencidos de desempenhar um papel superior na consciência histórica.

Graças a Fichte, Krause e Herder, a maçonaria ofereceu as ideias orientadoras durante os tempos de revolução: a conscientização necessária entre Estado e Nação, entre a vontade de Deus e o espírito do povo. Este era um conceito orientador presente em todos os países, nas Américas - como México e Argentina - até a Grécia e os Bálcãs, que haviam perdido quase todas as suas características europeias após serem submetidos à dominação turca por séculos.

A maçonaria encarnou uma revolução nacional, libertadora e progressista que se manifestou como guia para países como a Prússia, que, sob a direção de Bismarck, se tornou um império e atacou a Igreja Católica no *Kulturkampf*, e a Itália, com Cavour, Garibaldi, Crispi e De Sanctis. O processo histórico é definido pela publicação de obras que revelam uma perspectiva abrangente e preocupação com a esfera política e militar, assim como com a "história sutil". Em 1859, surgiu o livro "*La Franc-Maçonnerie doit-elle être considérée comme une religion universelle?*" ("A maçonaria deve ser considerada uma religião universal?") de E. Rebold. Por um tempo, muitas obras teorizaram sobre a convergência das religiões egípcia, judaica e cristã na maçonaria. Dessa forma, os cristãos eram lembrados de que, apesar do cisma



e da proliferação de seitas, sua religião não era mais diferenciada do que poderia ser reconciliada com religiões diferentes ou até mesmo opostas.

Durante a Restauração pós-napoleônica (1814-1815), muitos filiados tramaram conspirações liberais e constitucionais. A maçonaria havia se transformado em um centro de grupos sectários na França, Inglaterra e nas Américas. Exilados, conspiradores, ideólogos, hereges e utópicos transformaram as lojas maçônicas em locais de integração humana e global, assim como séculos anteriores os monges nos mosteiros e conventos.

A vida das lojas maçônicas era marcada por juramentos, conjurações, maldições (*imprecations*) e até mesmo orações: a maçonaria não tinha muito a ver com os clubes do século XVIII e estava se aproximando de se tornar uma seita religiosa. Finalmente, ela se dedicou à causa da "pátria", transformando-se na base organizacional da religião do patriotismo irreprímível.

3.3. Em 1861, J. Ch. Fauvety, recentemente biografado por André Combes, publicou o futuro breve da maçonaria como "religião laica": *Révolution universelle, Réalisation. Qu'est-ce que la Maçonnerie?* ("Revolução universal. Realização, o que é a maçonaria?"). Em *Requiem per un imperio defunto* ("Réquiem para um império falecido"), o historiador húngaro F. Fejtő sustenta que a Primeira Guerra Mundial respondeu ao objetivo da maçonaria universal de derrubar os impérios russo, alemão e austro-húngaro e substituí-los pelas Repúblicas, seguindo o exemplo de Washington e Lamartine, com a mediação de La Fayette. Fejtő retoma a interpretação histórica defendida cem anos antes por Fauvety, o fundador da religião laica e propriamente maçônica. Para ele e seus seguidores, a maçonaria é uma fé e, como tal, impõe aos iniciados acreditar na liberdade, igualdade e fraternidade; mas também no trabalho, união e prosperidade (TUP na Espanha e Itália - *Work, Union, and Prosperity – WUP*), na luta contra as mentiras do clero, na emancipação de toda escravidão e, no final do século XIX, na ciência e no progresso. Essa forma de revolução sombreada pela razão e pelo conhecimento científico se torna o Deus de um culto amplamente difundido, capaz de prometer salvação e distinguir entre o bem e o mal. Enquanto no século XVIII a maçonaria era uma mística elitista, durante o século seguinte ela se torna um catecismo em massa. Seus instrumentos de disseminação são a educação elementar obrigatória e gratuita, jornais, bibliotecas populares, festas, comemorações... Os maçons vivem uma grande parte de sua "fé" fora dos templos: adornados com faixas, aventais, colares, desfilam pelas ruas, reúnem-se ao redor das estátuas de hereges queimados pela Inquisição, pedem desculpas às vítimas da reação, exaltam a Luz.

O “abaixo solidéu” (Abaixo com o clero!) não é apenas um slogan anti-clerical, mas a afirmação da verdade, ciência e progresso. Em centenas de livros e dezenas de milhares de artigos, a maçonaria é referida como a 'religião do progresso'. Além de reconhecer o casamento e os filhos, o maçom aspira ao enterro maçônico, onde seus restos mortais, cercados pelos companheiros da loja, serão incinerados como uma extrema desafio à Igreja.

Por meio da escola, do exército e dos publicitários, a maçonaria se organiza em todos os lugares como uma religião laica, inimiga de dogmas externos, mas decidida a impor os seus próprios.

Além disso, a "nacionalização das massas" a partir da metade do século XIX é obra da maçonaria, que também seculariza o mundo hebraico substituindo o "povo escolhido" de Israel pelo "povo maçônico". A modernização passa pela deificação dos homens celebrados nas lojas, desde que os maçons se definam como "novos Templários", militantes da democracia, sacerdotes ou profetas da verdade e do progresso.

Em alguns países, a maçonaria chega a se tornar a religião oficial da nova sociedade. Seus adeptos são oferecidos a salvação eterna por meio da memória dos companheiros na loja, da Grande Família da Humanidade maçônica.

4.1. Ironicamente, foi a anti-maçonaria quem conferiu à maçonaria o caráter de religião. Sem intenção de fazê-lo, por meio da condenação reiterada e definitiva de seus inimigos, eles transformaram a maçonaria em uma alternativa à própria Igreja de Cristo. Longe de ser prejudicada por essa acusação, durante o século XIX, os maçons se orgulhavam de ser a síntese suprema de todas as heresias. Um fato evidente dessa atitude é o "*Libro del massone italiano*", de Ulisse Bacci, que é quase o eco escrito do monumento de Giordano Bruno erguido pelo grande mestre Ettore Ferrari.

Devido a esse evento em particular, cujas notícias circularam pelo mundo, a exasperação da dualidade Igreja Católica - maçonaria revelou a natureza gnóstica da maçonaria, mesmo quando entre os maçons quase ninguém sabia o que era a gnose e o gnosticismo. Diante dessa tentativa desavergonhada de falsificar a realidade, e mesmo aproveitando-se dos afiliados, até o Papa Leão XIII considerou apropriado distinguir entre maçons ignorantes e sectários maliciosos.

De qualquer forma, o que importa destacar é que a anti-maçonaria contribuiu para consolidar a maçonaria como uma religião laica totalitária, forçada, pela sua própria sobrevivência, a "esmagar o infame" (*écraser l'infâme*).

No final do século, os maçons passaram a acreditar naquilo que seus antecessores haviam rejeitado: saber que eram o fio condutor da evolução, das conspirações, do sectarismo político-religioso, como defendido por Barruel, Hauqwitz, Parascandolo e muitos outros escritores da *Civiltà Cattolica*. Sob essa perspectiva, Primly Andy respondeu a Whumper em 1889, afirmando que a maçonaria é, de fato, uma religião: a religião da humanidade. Da mesma forma, Albert Lantoine, mais tarde em 1925, traçou uma síntese memorável da maçonaria francesa. Esse autor cita muitos escritores renomados que afirmaram que alguns ideólogos da maçonaria incluíam Numa Pompilio, Licurgo, Zoroastro, Moisés e, por que não? Adão, o primeiro homem maçom. Durante milhares de anos, em vez de construir os "construtores do templo", eles se dedicaram a derrubar reinos, impérios e igrejas. Eles faziam isso porque, ao repetir os emuladores Voltaire e Rousseau em 1878, a maçonaria seria a Suprema Verdade. Uma síntese sugestiva dessa visão pode ser encontrada no "*Studio sul massonismo, il suo culto, i suoi costumi (citazioni massoniche)*" ("Estudo sobre a maçonaria, seus meios, seu culto, seus costumes. Citações maçônicas"). Seu autor, escondido atrás do misterioso acrônimo I.G.V.S.M.A., começa citando a encíclica de Pio IX de 21 de novembro de 1873 - onde a maçonaria é definida como uma "sinagoga de Satanás" - e acreditando que não apenas possui uma natureza religiosa, mas a configura como a anti-religião por excelência, portanto, a própria religião: a religião da pátria, laica e totalitária.

4.2. Alvo de excomunhões religiosas e políticas, a maçonaria não teve outra escolha senão se abrigar sob o Estado. Isso foi mais fácil onde esse processo de secularização havia surgido liderado por forças anti-clericais, como a própria maçonaria. Por exemplo, esse foi o caso na França da Terceira República, dividida entre o Sagrado Coração e as leis laicas, e posteriormente dilacerada pelo caso Dreyfus; mas também na Itália, onde o culto à Pátria foi precedido pelo culto à Igreja, agravado também por ritos, cerimônias, procissões...

Mais uma vez, ambos os lados foram vítimas da história na mesma medida. Por um lado, a Santa Sé foi incapaz de se desvencilhar da nostalgia pelo poder temporal e se tornou vítima de uma conspiração tramada por Satanás, a serviço da maçonaria. Por outro lado, a fim de se libertar do domínio da Igreja Católica, utilizou o Estado para secularizar as massas.

Colocando-se na mesma linha, o fascismo foi uma religião laica levada ao ápice. Justo quando pretendia ser depositário dos destinos da nação, a maçonaria foi condenada a lutar até a morte contra as forças que reivindicavam a mesma função, tanto na Itália e Alemanha, quanto na Espanha e em Portugal.

Além disso, por ser detentora de um conceito global de humanidade e, portanto, de religião -laica ou não, tanto faz-, a maçonaria inevitavelmente colidiu com o comunismo totalitário. Essa consideração também é endossada sob o título de maçonaria como uma "religião laica". Para garantir o apoio incondicional dos indivíduos, o totalitarismo deve eliminar qualquer forma de dupla pertença. Para isso, impõe a escolha entre a própria antropologia e a de outros totalitários. Um conflito semelhante radicalizou-se a ponto de os maçons serem aqueles que pagaram um preço mais alto contra o nazismo e o fascismo.

Seja uma seita ou uma minoria religiosa, a maçonaria não poderia aceitar compromissos que questionassem sua função como representante do progresso da liberdade. Ao se proclamar radicalmente oposta a todo totalitarismo e decidida a erradicá-lo, também teve que aceitar o risco da luta. E não poderia estar longe de um duelo mortal. Daí derivou-se um maniqueísmo, que, longe de ser assinado no documento de identidade da instituição, se explica precisamente como surgido dos fatos.

5. Durante os últimos cinquenta anos, os "novos movimentos religiosos" (N.M.R.) têm proliferado, presentes nos Estados Unidos desde o último século. É uma visão complexa, dominada por 6.000 cultos nativos africanos, 10.000 "religiões", além de 250 "denominações" cristãs. Ao traçar um quadro resumido das religiões no século XX, Mircea Eliade relatou o uso indiscriminado da palavra "religião", embora tenha reconhecido que é tarde para encontrar outro termo, portanto, "religião" continua sendo útil desde que tenhamos em mente que não necessariamente implica fé em Deus, deuses ou espíritos. Simplesmente alude à experiência do sagrado e está intimamente ligado às noções de "ser", "significado" e "verdade".

Uma vez reduzida à "experiência do sagrado", a religião acaba coincidindo com a religiosidade ao mesmo tempo em que o ser se transforma em aparência e a verdade em opinião. Esse processo passou a substituir a revelação pela busca, a relatividade pela certeza, o sofisma pelo "Ser", como conhecido por Parmênides. A partir do maçom Lessing, isso foi traduzido para uma atitude de confronto entre pares da filosofia europeia de raízes gregas e cristãs em relação aos que estão fora da Europa. Estes já não eram demonizados, mas pesquisados. Entre Charles de Brosses e François Dupuis, de um lado, e Ms. Muller, Durkheim, Husserl, Lévy-Brühl, do outro, existe um elo contínuo que se baseia na substância no reconhecimento do caráter religioso do fetichismo para o "comportamento religioso" geral e uma "fenomenologia do sagrado" que confere valor religioso a todos os cultos, ritos, gestos e símbolos. Sob uma perspectiva semelhante, todo ato humano está envolto em um banho de religiosidade, de modo que até mesmo o mais agnóstico dos homens pode se perceber como um místico, uma vez que

em seu comportamento diário (incluindo crimes) podem ser observados vestígios rituais, alusões simbólicas, tradições míticas e, em uma palavra, manifestações de uma religião difusa.

Essa extensa interpretação da religião pode, é claro, funcionar para remover, até mesmo para a pessoa mais cética, a ilusão de não ser religiosa, a esperança de se separar de Deus ou dos deuses, do significado, de ser verdadeiramente indiferente à fé. No entanto, não é útil para entender como uma religião (ou a religião) difere da linguagem comum, a verdade do erro, o bem do mal, a virtude da vontade de pecar. Nesse caminho, todo ato é legitimado, até mesmo o mais repugnante: até mesmo um criminoso pode agir de maneiras que podem ser atribuídas aos títulos de rito, símbolo e, por fim, busca de Deus. De outra forma, os romanos costumavam dizer "*homo sum, nihil humanum a me alienum puto*" (sou humano, nada do que é humano me é estranho). *Sacer* significa precisamente "marcado por Deus", ou seja, intangível, mas por uma decisão divina. Isso vale tanto para Caim quanto para Abel, para Rômulo e Remo. Uma vez que esse caminho é trilhado, é difícil diferenciar entre uma missa sagrada e uma missa negra: de qualquer maneira, em ambos os casos você está diante de manifestações de culturas diferentes, porém complementares, igualmente legítimas em relação à expressão do anseio por religiosidade.

Diante de um cenário semelhante, não é estranho questionar consistentemente se a maçonaria é uma religião em si. Em 1963, Ubaldo Triaca afirmou que, no que diz respeito ao humanismo, a maçonaria é a religião da humanidade, retomando o trabalho de J.P. Mazaroz, *Mutualité, solidarité, reciprocité: la Franc-Maçonnerie religion social du principe republican* ("Mutualidade, solidariedade, reciprocidade: a maçonaria francesa, religião social do princípio republicano") (Paris, 1880). A possibilidade de enquadrá-la como religião explica por que, nas últimas décadas, quase todos os historiadores da religião têm incluído a maçonaria em seus trabalhos.

Abrindo a questão de se a maçonaria é ou não uma religião, conforme levantado por Theodor Braebner em "*Is Masonry a Religion?*" (St. Louis, 1947), o que importa aqui é ressaltar que a inclusão da maçonaria nas "novas religiões" leva ao fechamento definitivo de qualquer possibilidade de diálogo e reconciliação com a Igreja, com a subsequente confirmação para os maçons. Por outro lado, a identificação da maçonaria como uma "nova religião" aproxima a possibilidade de os maçons encontrarem abrigo sob a liberdade religiosa. Assim, de forma interessante, os antigos inimigos agora encontram novas alianças em vista de sua batalha contra as manifestações do sagrado. Se isso corresponde a um "estado alterado de consciência", não há diferença entre um teólogo que se apoia nos livros de sua biblioteca e um xamã em êxtase sob o efeito de drogas, dançando freneticamente entre a multidão, aguardando pelas lágrimas

miraculosas de uma estátua, assim como o clero que, em uma procissão entoando salmos entre as embarcações de São Pedro. Os maçons também se enquadram nessa descrição, adornados com trajes rituais, alinhados entre as colunas de templos repletos de objetos simbólicos.

A partir dessa diferença implacável, os antimaçons da época levantaram uma nova hipótese de compatibilidade hoje em dia. No momento em que uma "nova religião" é padronizada, essa nova forma de conceber a maçonaria não leva em consideração a Declaração de 1985 da UGLE (Grande Loja Unida da Inglaterra). Uma percepção do fato religioso diferente da anterior é subscrita, onde a religião é composta pela soma de comportamentos religiosos ou, se preferir, a forma se torna a norma.

De fato, existem várias interpretações e perspectivas sobre a maçonaria, incluindo aquelas que a veem como uma anti-religião ou ateísmo militante. No entanto, é importante ressaltar que a maçonaria é uma instituição diversa e multifacetada, e suas crenças e princípios podem variar entre diferentes lojas e indivíduos. Enquanto alguns podem enfatizar o secularismo e a busca pelo conhecimento, outros podem incorporar elementos religiosos ou espirituais em suas práticas. Como em qualquer organização, pode haver interpretações e compreensões divergentes dentro da comunidade maçônica.

De fato, a complexidade e a multiplicidade, das faces da Maçonaria podem dificultar chegar a uma conclusão definitiva. Em uma época pobre em certezas, como esta, os códigos doutrinários e os comportamentos maçônicos, juntamente com a tendência de seus dignitários, podem apenas promovê-la como uma "religião dos buscadores", aquela da "dúvida".

Confio que também temos permissão para concluir com uma dúvida e oferecer essas ideias como material para um debate a fim de inaugurar um curso tão promissor como este.

## Bibliografia Básica

Bastian, Jean Pierre, editor. *Protestantes, liberales y francmasones. Sociedades de ideas y modernidad en América Latina, siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

Bastian, Jean Pierre, editor. *La modernidad religiosa: Europa latina y América Latina en perspectiva comparada*. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

Bogdan, Henrik, Jan A. M. Snoek, editores. *Handbook of Freemasonry*. Leiden: Brill, 2014.  
Ferrer Benimeli, José Antonio. *Masonería e inquisición en Latinoamérica durante el siglo XVIII*. Caracas: Universidad Andrés Bello, 1973.

Ferrer Benimeli, José Antonio. *Masonería, Iglesia e Ilustración. Un conflicto ideológico-político-religioso. I: Las bases del conflicto (1700-1739)*. Madrid: Fundación Española Universitaria, 1976.

Ferrer Benimeli, José Antonio. *Masonería, Iglesia e Ilustración. Un conflicto ideológico-político-religioso. II: Inquisición: Procesos históricos (1739-1749)*. Madrid: Fundación Española Universitaria, 1976.

Ferrer Benimeli, José Antonio. *Masonería, Iglesia e Ilustración. Un conflicto ideológico-político-religioso. III: Institucionalización del conflicto (1750-1800)*. Madrid: Fundación Española Universitaria, 1977.

Ferrer Benimeli, José Antonio. *Masonería, Iglesia e Ilustración. Un conflicto ideológico-político-religioso. IV: La otra cara del conflicto. Conclusión y Bibliografía*. Madrid: Fundación Española Universitaria, 1977.

Ferrer Benimeli, José Antonio, coordinador. *Masonería y religión: convergencias, oposición, ¿incompatibilidad?* Madrid: Editorial Complutense, 1996.

Ferrer Benimeli, José Antonio. *La masonería como problema político religioso. Reflexiones históricas*. México: Universidad Autónoma de Tlaxcala, 2010.

Gueiros Vieira, David. *O protestantismo a maçonaria e a questão Religiosa no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

Hackett, David G. *That Religion in Which All Men Agree. Freemasonry in American Culture*. Berkeley-Los Angeles-London: University of California Press, 2014.

Martínez Esquivel, Ricardo, Yván Pozuelo Andrés, Rogelio Aragón (editores). *300 años: masonerías y masones, 1717-2017. Tomo II. Silencios*. Ciudad de México: Palabra de Clío, 2017.

Mola, Aldo Alessandro. "¿Es la masonería una religión?". In *Masonería y religión: convergencias, oposición, ¿incompatibilidad?* José Antonio Ferrer Benimeli, coordinador. Madrid: Editorial Complutense, 1996.

---

<sup>i</sup> Esta é uma versão revisada e traduzida para o inglês do ensaio de Aldo Alessandro Mola, "A Maçonaria é uma Religião?" em *Masonería y Religión: Convergencias, Oposición, Incompatibilidad?*, editado por José Antonio Ferrer Benimeli (Madrid: Editorial Complutense, 1996), 13-25.